

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, ARTES VISUAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Michelle Ferreira de Oliveira – FAV/UFG  
Formação e profissionalização docente  
Painel

Uma questão recorrente nos espaços institucionais de ensino sistematizado é a falta de articulação entre as disciplinas ministradas em um determinado período e contexto. No curso de Artes Visuais, modalidade EaD, oferecido pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, no desenvolvimento do planejamento pedagógico, questões de interdisciplinaridade têm sido norteadoras na tentativa de minimizar o desgaste dos alunos em relação à quantidade de atividades a serem desenvolvidas no ambiente de aprendizagem virtual, além de contribuir no processo de significação das ações propostas. Durante o decurso das disciplinas, realizamos atividades interdisciplinares que, embora tenham ocorrido algumas dificuldades e entraves no caminho, lograram êxito, e constatamos que essa ponte de conversação além de significativa proporciona aos sujeitos envolvidos no processo uma dinâmica que vai além dos limites das salas de aula, sejam elas virtuais ou físicas.

**Palavras-chave:** EaD, interdisciplinaridade, experiência

Cotidianamente nos deparamos com situações, problemas e desafios que nos instigam a refletir sobre nossas práticas. Assim, cada experiência, deve assegurar a realização de aprendizagens significativas, o que pressupõe a relação intrínseca das novas aprendizagens com os saberes já acumulados pelos envolvidos no processo. E, foi nessa busca que, no curso de Artes Visuais – modalidade à distância; oferecido pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, que, iniciamos articulações que pudessem incentivar os acadêmicos a pensar criticamente sobre a sociedade e os saberes, na tentativa de articular desenvolvimento, aprendizagem e ensino, como elementos que só podem ser entendidos de forma integral quando pensados em suas interconexões.

Ao falarmos em relações e conexões, umas das primeiras ocorrências que vem à tona são as inúmeras dificuldades que podem ser encontradas ao longo do desenvolvimento de uma proposta interdisciplinar. Embora seja um caminho árduo, temos constatado que, com todas as dificuldades, a interdisciplinaridade é um fato possível.

Dentro dessas possibilidades, nos deparávamos sempre com as práticas outrora realizadas nas aulas da modalidade presencial. Fazer uma proposta interdisciplinar exigia muito mais do que um projeto, se fez necessário um esforço conjunto para desenvolver tal proposta.

Os processos intelectuais complexos são considerados como sendo formados e expressos por condições sociais e por interações, onde a raiz está, primariamente no desenvolvimento histórico e social do homem. Saviani (2000), considera que o ser humano se constitui como tal, mediante uma intervenção educativa.

Este ato educativo pode ocorrer em vários espaços, mas articular essa intervenção, pode se tornar efetivo nos espaços institucionais de educação.

O conhecimento organizado pelas instituições é predefinido e representa o olhar de algo ou alguém. Ao organizar a cultura para ser ensinada, nossos currículos possuem suas divisões, constituindo as chamadas disciplinas curriculares, que segundo Souza Jr. (2001: 83) constituem:

(...) um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e, que aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno.

Embora a escola tenha surgido para a divulgação do conhecimento, sendo “instituída a partir da necessidade de se organizar uma forma de transmitir o saber que a humanidade sistematizou ao longo de sua existência” (LOPES et al, 1991, p. 14), a peculiaridade da educação e as relações dialéticas que nela ocorre, nos permitem munir a essencialidade da existência do professor-pesquisador. E é esse professor-pesquisador que dá oportunidade e se desprende para concretizar propostas em conjunto com outros personagens.

A necessidade de apropriar-se “de conhecimentos fundamentais para uma inserção comprometida e ativa na sociedade” (ANDRÉ, 2001:58), inserindo ações conjuntas e articuladas, onde docentes e discentes possam problematizar, pesquisar e estudar os assuntos que lhes provocam inquietações, curiosidades, ou mesmo a geração de novos temas, iniciando também um processo de pesquisa.

Partindo desses pressupostos, é preciso lembrar que em educação as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda, apontar claramente quais são os responsáveis por determinado feito. (LÚDKA, 1986:3).

A educação possui como objetivo específico desenvolver a compreensão sistemática do mundo partindo do ponto de vista das diferentes áreas do saber que compõem a grade curricular de uma escola. A escola por sua vez apresenta como finalidade específica à divulgação da compreensão e explicação científica, metódica e sistemática de mundo através de uma forma organizada, desenvolvida e uma avaliação do trabalho pedagógico. (VEIGA, 1996).

A sala de aula é um local de trocas, de conhecimento, de experiências, de afinidades, de alegrias e tristezas, de se fazer amigos, de contestar, de concordar e de discordar, de adquirir os saberes acumulados pela sociedade, de compreender as relações estabelecidas, de se tornar mais humano.

As constantes mudanças ocorridas, na sociedade contemporânea têm atribuído à escola o importante papel de articuladora e construtora de propostas pedagógicas que possam desencadear transformações sociais. Esse papel pode ser exercido de forma consciente – através da atuação crítica, consciente e capaz de transformar, ou pode ser apenas uma forma de reprodução daquilo que está posto para a sociedade por aqueles que detém o poder.

Segundo Paulo Freire "*quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado*" (FREIRE, 1996: 25), nesse caso, buscar o conhecimento, manter-se informado e desenvolver a capacidade de reflexão é imprescindível.

Em nosso cotidiano, encontramos diferentes práticas pedagógicas em distintos campos de atuação. Por um lado, temos várias pessoas que acreditam que

atuam interdisciplinarmente, outras que discutem a interdisciplinaridade e ainda aqueles que desbravam caminhos, rompendo barreiras e limites na tentativa de realizar uma ação interdisciplinar.

### **A ação na FAV/EaD**

Durante os anos de 2008 e 2009, várias foram as situações que nos fizeram refletir sobre a necessidade de intercruzamentos dos conteúdos e de ações. Os professores e alunos construíram conhecimentos por meio de alguns eixos: os conhecimentos que integraram a grade curricular do curso, os conhecimentos prévios dos participantes e o processo dinâmico e interativo ocorrido por meio do ambiente virtual, no caso, o ambiente virtual de aprendizagem, baseado na plataforma *Moodle*.

Assim, os saberes foram construídos em um processo dialógico, e tecemos uma rede de informações que se entremearam por meio dos confrontos e encontros ocorridos entre os conteúdos aprendidos e os conhecimentos prévios, o processamento destes e o intercâmbio com experiências de outros participantes, resultando assim na necessidade de novas formas de lidar com aquele conhecimento.

Deparamos-nos com a inter-relação dos conteúdos, assuntos que dialogavam entre si e ainda, com a necessidade de aprofundar nos assuntos, sem perder a qualidade e o foco. Buscamos de Paulo Freire suas proposições de educação fundamentada nas ações do professor, na importância do diálogo e da relação professor/aluno, além da necessidade em que se encontravam os alunos envolvidos neste projeto em preparar o olhar crítico para a vida, por meio de diálogos contextualizados.

Para Freire cada aluno era um indivíduo especial, único, dotado de saberes, por isso acreditava que por meio do diálogo e de produções contextualizadas com as vivências do aluno, era possível subsidiar o processo ensino/aprendizagem, pois, desta forma, a percepção do mesmo iria aumentando. Conforme Freire (2005), para dialogar o professor precisa desconstruir a idéia de ser superior, detentor do saber, é preciso reconhecer o aluno como colaborador na construção de conhecimento.

Assim, os mediadores do processo – nossos professores orientadores, além de (des)construir esses conceitos, ainda, necessitavam de um diálogo e interação entre eles para efetivar em um espaço dois saberes que dialogavam, contudo, possuíam suas especificidades.

Desenvolvemos então algumas estratégias: a criação de um espaço único para o diálogo – chamada sala interdisciplinar, onde os professores das disciplinas em diálogo possuíam o mesmo “tom de voz” no diálogo, ou seja, haviam dois professores nessa sala, de disciplinas diferentes que teciam e costuravam as informações, dialogando e instigando a participação dos alunos e a reflexão sobre os assuntos em pauta.

Segundo Fazenda (2003), historicamente, desde os anos 30, está fundamentado e organizado numa direção disciplinar. Ainda hoje é comum ver a separação das disciplinas, onde não existe conexão entre elas. Na maioria das escolas os professores apresentam dificuldades em trabalhar interdisciplinarmente, contribuindo assim para um distanciamento do processo de evolução da educação. É possível confirmar o pensamento de Fazenda a seguir:

A tendência em olhar a sala de aula sob uma única e determinada perspectiva acarreta sérias limitações, quer no referente às análises, quer nas sínteses enunciadas. A limitação disciplinar a que essas teorias se filiam impede uma visão multiperspectival dessa polifacetada realidade

denominada sala de aula e, por conseguinte, fragiliza a evolução da ciência escolar atual. (FAZENDA, 2003: 62)

Segundo Fazenda (2005), trabalhar numa perspectiva interdisciplinar requer uma atitude ante o conhecimento, que se confirma na observação atenta das capacidades e incapacidades, nas possibilidades e nas dificuldades da disciplina e dos professores, e principalmente na valorização e reconhecimento de outras disciplinas e dos seus respectivos professores.

Deste modo, foi proposto um trabalho interdisciplinar, entendendo a interdisciplinaridade como a inter-relação entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaísse, onde as disciplinas dialogariam e os professores adotariam uma postura de parceiros nesta construção

[...] a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. (FAZENDA, 2005: 86)

A sala interdisciplinar no ensino a distância reduziu a quantidade de atividades e proporcionou a redução da quantidade de atividades. Assim, os assuntos das discussões se conectavam e se inter-relacionavam, além disso, os alunos possuíam mais tempo para dedicar para os assuntos em foco o que proporcionou o aumento na qualidade da discussão.

A proposta envolvia duas disciplinas, o que, conseqüentemente, envolviam quatro professores (dois professores formadores e dois professores orientadores, para cada cidade/pólo), alunos e o empenho de toda a equipe de coordenação. Ao final, os resultados obtidos foram significativos tanto no que tange a qualidade quanto à satisfação dos envolvidos no processo.

Uma outra proposta que deu continuidade a esse processo, foram as avaliações em caráter interdisciplinar. Ao invés do acadêmico ir ao pólo realizar densas provas de quatro disciplinas (cada uma com várias questões), adotamos a avaliação em caráter interdisciplinar, onde os conteúdos se inter cruzavam, dialogavam e contemplavam as disciplinas envolvidas no período.

Os processos que envolvem uma proposta interdisciplinar, certamente não são fáceis. Exigem esforço, trabalho e coerência entre os atores que ali dialogam. Contudo, foi possível perceber a qualidade das discussões e a aproximação dos conteúdos em foco.

## Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli (org.). **Pesquisa, formação e prática docente**. In: O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP: Papirus, 2001.  
CEDES, Cadernos. **Currículos e programas: como vê-los hoje?** 4 ed., No 13, Campinas, 1991.

- DEWEY, John. Experiência e Educação. In: Moacir Gadotti. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papirus, 2003. 11ª Ed.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 36ª Ed.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 47ª Ed.
- GOODSON, Ivon F. **Currículo: teoria e história**. Tradução de Attilio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995
- LOPES, Antonia Osima, et al. **Repensando a didática**. Coordenadora Ilma Passos Alencastro Veiga. Campinas, SP. Ed. Papirus, 1991.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1996.
- MENESES, João Gualberto de Carvalho et alii. **Estrutura e funcionamento da Educação Básica**. São Paulo: Pioneira, 1998
- MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 12ª edição, 2006.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7ª ed. SP: Cortez, 2000.
- SOUZA JR., M. **O saber e o fazer pedagógicos: a educação física como componente curricular ... isso é história**. Recife: EDUPE, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O saber e o fazer pedagógico da educação física na cultura escolar: o que é um componente curricular**. In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (Org.). Educação física escolar: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: O ensino e suas relações**. Campinas, SP. Ed. Papirus, 1996. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.